



*Llorar es una forma de ser
que renuncia a cualquier
necesidad de control ...*

*Chorar é uma forma de
ser, que renuncia a
qualquer necessidade de
controle...*





A través del estudio de Francisco de Asís, Richard Rohr aprendió que llorar es una forma de ser que renuncia a cualquier necesidad de control:

Cuando era un novicio franciscano en 1961, solo acudí una vez a mi maestro de novicios con una queja. Cada mes, se nos animaba a leer otra biografía de San Francisco. Yo leía sobre Francisco retirándose a una cueva y llorando. Estos libros decían que pasaba días enteros llorando, derramando lágrimas. Sinceramente, esto no tenía sentido para mí, así que fui con mi maestro de novicios. Le dije: “¿Por qué está llorando todo el tiempo? No lo entiendo. No sé si quiero ser franciscano”. Mi mente educada y racional ya resistía ese tipo de pérdida, debilidad y vulnerabilidad. Mi maestro de novicios me dijo: “No lo entenderás ahora, pero te prometo que lo harás más adelante”.

El estado de llanto, de derramar lágrimas, es diferente al modo de reparar. Es diferente al de comprender. Por eso a menudo lloramos cuando perdonamos. He renunciado a tratar de encontrar lógica, razón, culpa, quién tiene la razón o quién está equivocado. La mente dualista solo va y viene buscando justificación, buscando la razón adecuada para odiar o rechazar a otra persona. Nunca encontramos un lugar de descanso. Ahora entiendo por qué Francisco lloraba tanto. Cuando llegamos al lugar de las lágrimas, y no me refiero necesariamente de manera literal —todavía no lloro fácilmente, lamento decirlo—, es una actitud interior en la que, cuando no puedo arreglarlo, explicarlo, controlarlo o siquiera entenderlo, solo puedo perdonarlo. Dejarlo ir, llorarlo. Es un modo diferente de ser.



Através do estudo de Francisco de Assis, Richard Rohr aprendeu que chorar é uma forma de ser, que renuncia a qualquer necessidade de controle:

Quando eu era noviço franciscano em 1961, só fui uma vez ao meu mestre de noviços para uma reclamação. Todos os meses éramos encorajados a ler outra biografia de São Francisco. Li sobre Francisco retirando-se para uma caverna e chorando. Estes livros diziam que ele passava dias inteiros chorando, derramando lágrimas. Sinceramente, isso não fazia sentido para mim, então procurei meu mestre de noviços. E disse-lhe: "Por que está chorando o tempo todo? Eu não o entendo. "Não sei se quero ser franciscano". Minha mente educada e racional já resistia a esse tipo de perda, debilidade e vulnerabilidade. Meu mestre de noviços me disse: "Você não vai entender agora, mas prometo que entenderá mais adiante".

O estado de pranto, de derramar lágrimas, é diferente do modo de reparação. É diferente de compreender. É por isso que muitas vezes choramos quando perdoamos. E renunciei de tentar encontrar lógica, razão, culpa, quem está certo ou quem está errado. A mente dualista simplesmente vai e vem em busca de justificativas, em busca da razão certa para odiar ou rejeitar outra pessoa. Nunca encontramos um lugar de descanso. Agora entendo porque Francisco chorava tanto. Quando chegamos ao ponto das lágrimas, e não quero dizer necessariamente de modo literal – e ainda não choro facilmente, lamento dizer – é uma atitude interior onde, quando não consigo consertar, explicar, controlá-lo, ou mesmo entendê-lo, só posso perdoá-lo. Deixa-o ir. Chore-o.. É uma maneira diferente de ser.

Richard Rohr, *The Weeping Mode*, envios diários de CAC, 20 Abril 2023.



Después de la muerte de seu padre, la escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie captura la experiencia encarnada de este "modo de llorar", en el cual ningún intento de "arreglar" o "superar" es suficiente:

El duelo es una cruel forma de educación. Aprendes lo poco gentil que puede ser el luto, cuán lleno de ira está. Aprendes lo superficiales que pueden parecer las condolencias. Aprendes cuánto del duelo tiene que ver con el lenguaje, el fracaso del lenguaje y el esfuerzo por encontrar palabras.

¿Por qué me duelen tanto los costados? Me dicen que es por llorar. No sabía que lloramos con los músculos. El dolor no sorprende, pero su fisicalidad sí: mi lengua es insoportablemente amarga, como si hubiera comido algo detestable y olvidado lavarme los dientes; en mi pecho, un peso pesado y horrible; y dentro de mi cuerpo, una sensación de disolución eterna.

Mi corazón—mi corazón físico real, nada figurativo aquí—se está escapando de mí, se ha convertido en algo separado, latiendo demasiado rápido, con un ritmo opuesto al mío. Esta es una aflicción no solo del espíritu, sino también del cuerpo, de dolores y fuerzas menguantes. Carne, músculos, órganos, todo está comprometido.

Ninguna posición física es cómoda. Durante semanas, mi estómago está en tumulto, tenso y apretado por un presentimiento, la certeza constante de que alguien más morirá, de que se perderá más.



Após a morte do seu pai, a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie capta a experiência encarnada deste “modo de chorar”, em que nenhum intento de “consertar” ou “superar” é suficiente:

O luto é uma forma cruel de educação. Aprendemos como o luto pode ser pouco gentil e quanto está cheio de raiva. Aprendemos o quanto as condolências podem parecer superficiais. Aprendemos o quanto do luto tem a ver com a linguagem, com o fracasso da linguagem e com o esforço para encontrar palavras.

Por que minhas costas doem tanto? Dizem-me que é de chorar. Eu não sabia que choramos com os músculos. A dor não surpreende, mas sua fisicalidade sim: minha língua está insuportavelmente amarga, como se eu tivesse comido algo detestável e esquecido de escovar os dentes; no meu peito, um peso pesado e horrível; e dentro do meu corpo, uma sensação de dissolução eterna.

Meu coração – meu coração físico real, nada figurativo aqui – está escapando de mim, tornou-se em algo separado, batendo rápido demais, num ritmo oposto ao meu. Esta é uma aflição não só do espírito, mas também do corpo, de dor e diminuição das forças. Carne, músculos, órgãos, tudo fica comprometido.

Nenhuma posição física é confortável. Durante semanas, meu estômago está embrulhado, tenso e contraído por um pressentimento, a constante certeza de que outra pessoa morrerá; de que mais alguém será perdido.



*Cuando no puedo arreglarlo,
explicarlo, controlarlo o siquiera
entenderlo, solo puedo perdonarlo.
Dejarlo ir, llorarlo.*

Es un modo diferente de ser...

*Quando não posso consertá-lo,
explicar, controlar ou mesmo entendê-
lo, só posso perdoá-lo, deixá-lo ir...,
chorá-lo.*

É um modo diferente de ser...

